

Infecção rara e mortal ameaça os índios suruíis

DANIEL HESSEL TEICH

SÃO PAULO — Em contato com o homem branco há apenas 25 anos, os índios suruíis de Rondônia estão ameaçados por um mal pouco conhecido: a paracoccidiodomicose. A doença é muito rara e provocada por um fungo estranho à região. Entre os índios, a taxa de mortalidade é de 56%, considerada elevadíssima. Segundo estudos realizados pelo médico Carlos Coimbra Júnior, da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), 45% dos índios suruíis estão contaminados. O mal ataca os pulmões e pode chegar ao cérebro.

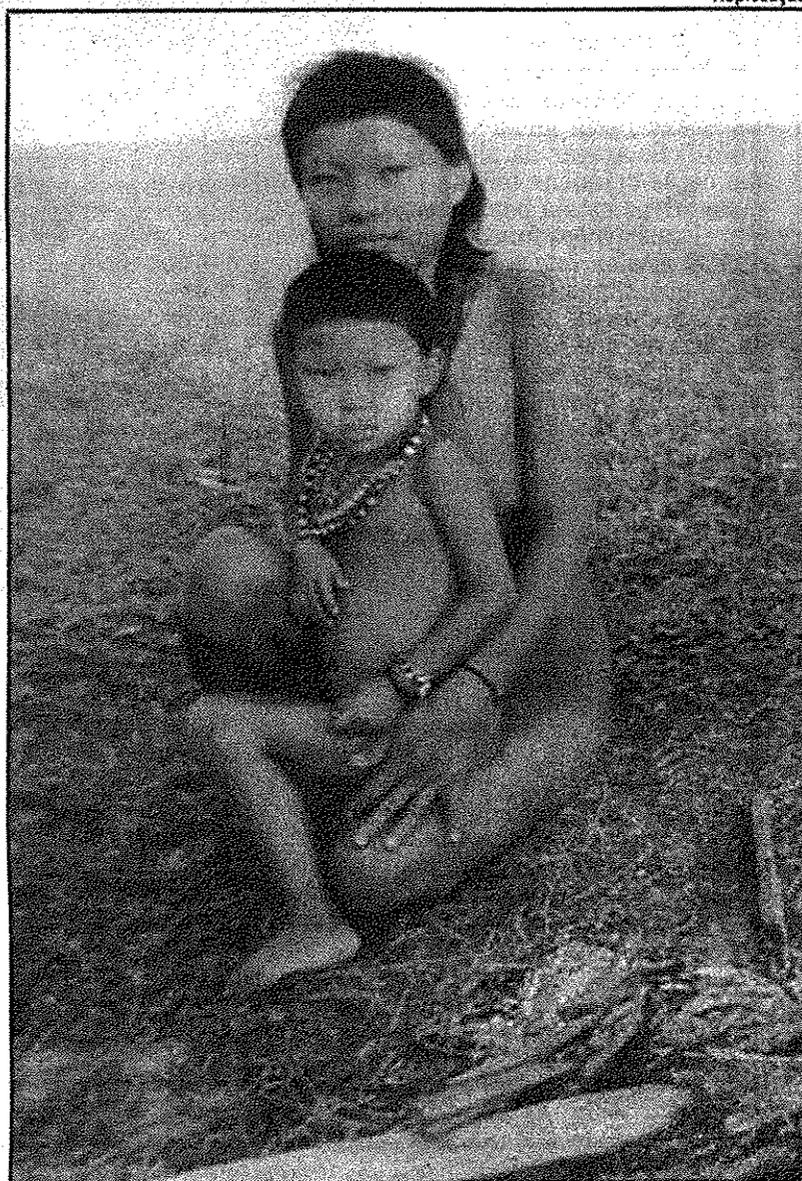
— A paracoccidiodomicose é uma doença sistêmica, ou seja, ataca diversos órgãos, a partir de uma infecção pulmonar. O caso dos suruíis é particularmente grave porque eles têm pouca resistência. O fungo mata 10% de suas vítimas no Sudeste. Entre os suruíis, esse percentual é cinco vezes maior — diz Coimbra.

Ele explica que um dos maiores desafios foi descobrir como o fungo *Paracoccidioides brasiliensis*, causador da doença, passou a infectar os índios, uma vez que sua ocorrência na Amazônia era desconhecida. Os pesquisadores atribuíram o surgimento da doença na selva à presença de uma cultura de café dentro da reserva, remanescente da época em que a área era habitada por agricultores.

— Sabemos muito pouco sobre esse fungo. Acreditamos que ele chegou à região em mudas de café contaminadas. Um forte indício é que os índios mais afetados eram os que trabalhavam na lavoura — afirma Coimbra.

O estudo sobre a paracoccidiodomicose foi realizado com três grupos indígenas, todos aparentados: suruí, gavião e zoró. No entanto, somente os suruíis apresentavam índices alarmantes.

— O caso dos suruíis é impres-



Os índios suruíis vivem em Rondônia e sofrem com os males do branco

sionante, principalmente se levarmos em conta a gravidade e a raridade da doença. Além disso, os índios apresentam sequelas graves — diz Coimbra.

Segundo o pesquisador, em muitos casos, a paracoccidiodomicose foi confundida com tuberculose e outras infecções que acometeram os índios após os primeiros contatos com o homem branco, em 1969.

Os pesquisadores da Fiocruz já começaram a ensinar os médicos da região a diagnosticar a doença com maior eficiência e também a aplicar terapias comprovadamente eficazes. Entre os tratamentos estão a administração de remédios como o sulfometoxazol associado ao trimetropin ou ainda a anfotericina B, usados com êxito na Região Sudeste.

População foi reduzida à metade

SÃO PAULO — A paracoccidiodomicose não é o único mal que afeta os 500 suruíis que vivem numa reserva vizinha à cidade de Cacoal, em Rondônia. Os índios morrem de tuberculose, malária e fome. Desde o primeiro contato com o homem branco, em 1969, a tribo foi reduzida à metade de seu tamanho em virtude da alta mortalidade.

— Os índios foram jogados abruptamente dentro da sociedade brasileira e pagaram um preço muito alto por isso — afirma a antropóloga Betty Midlin, coordenadora do Instituto de Antropologia e Meio Ambiente (Iama) e professora visitante do Instituto de Estudos Avançados da USP.

Betty conheceu os suruíis em 1978. Na época, os índios andavam nus e brigavam pela expulsão dos últimos invasores de sua reserva, demarcada em 1976. Hoje, vivem na miséria e tentam ganhar algum dinheiro vendendo o café que colhem numa plantação abandonada pelos antigos colonos e que segundo Carlos Coimbra Júnior é a causa da paracoccidiodomicose.

— Os índios já derrubaram trechos enormes de mata, incentivados a extrair mogno, e agora tentam criar gado. No entanto, toda as tentativas de modernizar a economia tribal foram mal sucedidas — afirma Betty.

O cacique José Itabira Suruí, de 38 anos, diz, por telefone de Cacoal, que está fora de cogitação erradicar o café.

— A gente tem que viver de alguma coisa — diz.

Os suruíis pertencem à família tupi-mondé, que inclui ainda os zorós, gaviões, cintas-largas e aruás.

Reprodução